

Um dos principais exemplos é o uso da cloroquina contra a covid-19, que virou um centro de um debate politizado e notícias falsas nas redes sociais; relatos de profissionais são de ameaças de morte, queixas de pacientes e familiares e pedidos de demissão em hospitais

Roberta Jansen, O Estado de S.Paulo

26 de julho de 2020 | 05h00

SAIBA MAIS

RIO - Embora pesquisas não apontem benefícios no uso de **cloroquina e hidroxicloroquina** em pacientes com **covid-19**, o debate político em torno dos medicamentos – capitaneado, muitas vezes, pelo presidente **Jair Bolsonaro** – coloca **médicos** na linha de frente do atendimento sob grande pressão. Segundo pesquisa da **Associação Paulista de Medicina**, 48,9% de quase 2 mil profissionais entrevistados em todo o País relataram pressões de pacientes ou parentes para prescrever remédios sem comprovação científica. Nas redes sociais, também há relatos de intimidação.

O presidente da **Sociedade Brasileira de Infectologia**, Clóvis Arns, chegou a ser ameaçado de morte nas redes sociais e foi alvo de notícias falsas após a instituição publicar recomendação contra a cloroquina para a covid-19, no dia 17. “Notícias falsas e informações sensacionalistas ou sem comprovação técnica são inimigos que os médicos enfrentam simultaneamente à covid-19”, diz o estudo da Associação Paulista de Medicina (APM).

LEIA TAMBÉM



Maior estudo brasileiro mostra que hidroxicloroquina não funciona para caso leve e moderado de covid

COVID-19 NO BRASIL

Balanco diário (05/08/2020 19:58)

+54.685 casos
2.862.761 total

+1.322 mortes
97.418 total

Consórcio de Veículos de Imprensa

“Pediram a morte do presidente da SBI nas redes sociais, minha família ficou apavorada, não queria que eu fosse trabalhar”, contou Arns. “Por outro lado, tivemos várias manifestações de apoio de diversas sociedades médicas e do Senado Federal. Queremos ficar longe dessa briga ideológica, nosso objetivo é discutir cientificamente apenas. Fazemos medicina baseada em evidências.”

A intensivista Bruna Lordão, de 32 anos, **pediu demissão** do Hospital Geral de Vila Penteado, na zona norte de São Paulo, onde trabalhava, após ser chamada de “assassina” por parentes de um paciente, a quem ela se recusou a prescrever cloroquina. “As pessoas não querem saber de pesquisa científica”, conta a médica. “Elas querem saber o que o Bolsonaro tomou, o que o (presidente americano Donald) Trump disse”, contou.

“Foram certamente os piores momentos da minha carreira”, disse ela, médica há cinco anos. “Quando você trabalha num pronto-socorro, numa UTI, vai ter muitas baixas, com certeza. Mas nada igual à UTI covid-19: são três, quatro óbitos por dia. Muita gente morrendo, num mesmo lugar, da mesma coisa”, acrescentou Bruna.

A gota d'água para o pedido de demissão, no entanto, veio por causa da cloroquina, quando ela foi dar a notícia da morte de um paciente à família. “Sei que é um momento complicado. Entendo a agonia e a angústia das pessoas, mas começaram a me chamar de assassina porque eu não tinha usado cloroquina no tratamento”, disse.

“As pessoas não entendem que não existe benefício no uso da cloroquina porque o presidente fala que tem benefício. E acreditam piamente nisso. Ninguém entende que a gente não usa justamente porque não tem benefício” afirmou ela, que trabalhou com pacientes da covid-19 desde o início da pandemia.

Testes suspensos. A Organização Mundial de Saúde (OMS) suspendeu há um mês testes com cloroquina e hidroxicloroquina porque todos os resultados até então apontavam que elas “não reduzem a mortalidade dos pacientes”. Outro grande estudo, o Recovery, foi conduzido pelo Reino Unido em mais de 11 mil pacientes. Também em junho, seus principais coordenadores informaram que “não há efeito benéfico” no uso da hidroxicloroquina.

Na última segunda-feira, estudo feito em 55 hospitais brasileiros e publicado na revista Science confirmou que a cloroquina tampouco funciona em quadros leves e moderados de covid-19. Vários países, incluindo os Estados Unidos, já interromperam o uso experimental dos remédios e suspenderam ensaios clínicos em razão da arritmia cardíaca que o medicamento pode provocar em pacientes graves. Há duas semanas, artigo na revista médica Lancet voltou a apontar riscos dos remédios para o coração com os remédios, originalmente para lúpus e malária.

Na mesma semana, porém, Bolsonaro informou ter covid-19 e foi às redes sociais anunciar que tomava cloroquina, exibindo embalagens do remédio, como numa propaganda. “Aos que torcem contra a hidroxicloroquina, mas não apresentam alternativas, lamento informar que estou muito bem com seu uso e, com a graça de Deus, viverei ainda por muito tempo”, escreveu ele no Twitter.

A politização desse debate, que deveria ser exclusivamente científico, não é só retórica. Levou à queda de dois ministros na pandemia (os médicos Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, contrários ao uso do remédio) e tem consequências diretas no atendimento de pacientes, como mostra o levantamento da APM. O próprio Ministério da Saúde passou a recomendar seu uso.

“Pelo menos 69,2% (dos entrevistados) dizem que (notícias falsas ou sensacionalistas) interferem negativamente, pois levam algumas pessoas a minimizar (ou negar) o problema e, assim, a não observar as recomendações de isolamento social e higiene, ou a não procurar os serviços de saúde”, destaca o estudo da APM. “Outros 48,9% falam que, em virtude das fake news, pacientes/familiares pressionam por tratamentos sem comprovação científica.”

Prescrição de fora. Chefe do Laboratório de Investigação Pulmonar da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Patrícia Rocco diz que muitos pacientes já chegam ao hospital tomando cloroquina prescrita por médicos particulares.

“Fico muito preocupada com três coisas: pessoas estarem determinando medicamentos na base do “eu acho” e “na minha experiência”, pessoas ficarem criticando estudos clínicos e médicos indicando remédios (sem comprovação) nas redes sociais”, destacou Patrícia, integrante da Academia Nacional de Medicina.

Intimidação parte até dos colegas, diz infectologista

Chefe da infectologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), o médico Alexandre Naime Barbosa afirma que por parte de pacientes e familiares ele costuma ter questionamentos. Mas que pressões costumam vir de outros médicos.

“A pressão parte de profissionais que não estão na linha de frente do combate, são professores ou médicos mais velhos, que não atendem covid-19 e defendem a cloroquina nas redes sociais”, conta Barbosa. “Em geral, eles fazem isso por dois motivos: ou por ingenuidade, porque não estudam, não

sabem avaliar um artigo científico, ou por má-fé mesmo; há colegas que têm um engajamento político importante nessa linha.”

Ascensão e queda: veja os principais estudos sobre cloroquina e hidroxicloroquina ao longo de 2020:

4 de fevereiro

Pesquisadores do Instituto de Virologia de Wuhan, na China, publicam na *Nature* um artigo cujo título é "Remdesivir e cloroquina inibem o novo coronavírus in vitro".

20 de março

Pesquisadores franceses, entre eles Didier Raoult, divulgam o estudo com resultados positivos com hidroxicloroquina e azitromicina como tratamento contra a covid-19.

21 de março

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, usa suas redes sociais para pedir o uso de hidroxicloroquina e azitromicina no combate ao coronavírus.

23 de março

OMS critica uso de remédios não testados contra coronavírus e lança o Solidarity Trial, um teste internacional para conseguir evidências mais robustas e de qualidade em relação à cloroquina, hidroxicloroquina, remdesivir (usado no tratamento do ebola), lopinavir/ritonavir (HIV) e o interferon beta-1a (usado com esclerose múltipla).

25 de maio

OMS suspende temporariamente o uso do medicamento em ensaio clínico internacional após um estudo feito com mais de 96 mil pacientes ser publicado na revista científica *The Lancet*, afirmando que o uso da cloroquina ou da hidroxicloroquina em pacientes com o novo coronavírus, mesmo quando associados a outros antibióticos, aumentava o risco de morte e de arritmia cardíaca.

2 de junho

Revista Lancet emite um 'manifesto de preocupação' sobre o estudo, pois especialistas levantaram 'sérias dúvidas científicas' sobre a metodologia utilizada.

3 de junho

OMS anuncia retomada dos testes com hidroxicloroquina no ensaio clínico Solidarity.

17 de junho

OMS suspende definitivamente os estudos com o cloroquina e hidroxicloroquina, pois os medicamentos não apresentaram benefícios contra a covid-19.

NOTÍCIAS RELACIONADAS

[Maior estudo brasileiro mostra que hidroxicloroquina não funciona para caso leve e moderado de covid](#)

[Médicos deixam comitê da covid-19 após prefeito adotar tratamento com cloroquina](#)

[Acompanhe notícias do coronavírus em tempo real](#)

[Após descumprir promessas, Ministério da Saúde passa a dizer que não é obrigada a entregar respiradores e máscaras](#)

[Governo foi alertado desde maio sobre falta de medicamentos para UTI, mas priorizou cloroquina](#)

Tudo o que sabemos sobre:

[cloroquina e hidroxicloroquina](#)

[médico](#)

[coronavírus](#)

[coronavírus \[profissionais da saúde\]](#)

[coronavírus \[tratamento\]](#)

Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)

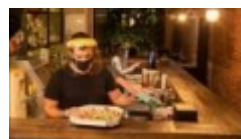
DESTAQUES EM SAÚDE



Por que os testes sorológicos para covid-19 no Brasil são tão imprecisos?



Ministro interino da Saúde recebe defensores de aplicação retal de ozônio para tratar covid-19



Retomada de bares e restaurantes da capital até as 22 horas é encarada com cautela

Tendências:

[Casos de Covid-19 aumentaram entre padres após reabertura de igrejas; são 415 padres diocesanos infectados e 21 mortos](#)

[Ministro interino da Saúde recebe defensores de aplicação retal de ozônio para tratar covid-19](#)

[Dia Nacional da Saúde: chegou a hora de cuidar do corpo e da alma](#)

[Moderna estabelece mínimo de R\\$170 por dose da vacina contra covid-19](#)

[Veja 200 perguntas sobre a covid-19](#)

